

Pinóquio

Tinha uns 9 anos e morava em uma casa anexa com à padaria Barão na rua João Gonçalves, 12 no Centro de Guarulhos. Naquele tempo a rua não era pavimentada e uma vez por semana passava uma boiada.

Lembro quando minha mãe alegremente me presenteou com um livro de estória de criança chamado “Pinóquio”, me informando antes que era um autor Toscano como ela.

Havia no meu quarto uma mesinha perto da janela e lá ficava lendo o livro.

Adorei o livro e as figuras que eles continham e entendi então quando minha mãe dizia que quando se contava uma mentira o nariz ficava mais comprido. Era comum apelidar-se um mentiroso de Pinóquio, mas nunca vi na prática um nariz crescer.

O livro Pinóquio foi escrito por Carlo Collodi que nasceu em Florença na Itália em 1826 e morreu na mesma cidade em 1890.

Minha mãe me contou que o livro foi muito importante para a difusão da língua Toscana para toda a Itália. Mais tarde fiquei sabendo que a importância do livro Pinóquio que juntamente com o Decameron e a Divina Comédia tornaram a língua italiana praticamente uniforme em toda a península.

Em poucos dias já tinha lido o livro. Queria mais livros e não tinha. Acompanhava o meu pai em um Chevrolet 1941 fechado que ele chamava de Furgão, no transporte de biscoitos em São Paulo. Lembro que parávamos na Penha junto a um largo onde os Bondes faziam a volta e lá tinha uma papelaria. Ficava olhando um livro de criança e pedi várias vezes para o meu pai comprar e o mesmo nem se importava. Logicamente fiquei sem o livro.

Lembro que tinha um criado mudo bem pequeno onde estava tudo o que eu gostava: o meu livro do Pinóquio, meu sapato de domingo e minha chuteira de futebol. Todos os dias abria a portinha do meu tesouro, dava uma olhada e depois os guardava.

Tinha um primo chamado Netinho que vinha sempre em casa. Emprestei o livro ao mesmo e nunca mais o vi.

Cito um poema Toscano de autor desconhecido que traduzido para o português é assim:

Livros

Livros delicias do meu espírito

Nunca me deveis deixar

Vos sois como a mulher que se pode ver sem perigo

Mas que nunca se deve emprestar.

Mais tarde ganhei não sei de quem, um livro sobre animais brasileiros e novamente emprestei para o meu primo Netinho, que não leu e não devolveu.

Em Guarulhos havia uma biblioteca circulante onde se podia retirar um livro e depois devolver. Quem tomava conta era a dona Aurea. Lá tirei todos os livros de Machado de Assis, José de Alencar e outros. Encontrei um menino que estava sempre lá e ele me presenteou com um livro de poesias de Catulo da Paixão Cearense.

Como a maioria dos livros da biblioteca circulante eram de grafias antigas, cometia vários erros escrevendo assucar ao invés de açúcar. A palavra pharmacia também tinha mudado, mas neste caso não cometia erros.

Uma vez comprei um livro chamado “100 melhores sonetos brasileiros”, que acabei emprestando e o perdi. Nunca mais achei um livro equivalente.

Lembro que comprei um livro feito em Portugal sobre os poemas líricos de Camões e dei para uma namoradinha que tinha e depois me arrependi, pois, deveria ter ficado com o livro.